



UM CIRURGIÃO NO FRONT: A PARTICIPAÇÃO DE JUSCELINO KUBITSCHEK NA BATALHA DO TÚNEL

Jamicel Francisco Rocha da Silva



Resumo: As instituições constroem a própria história baseadas em feitos e figuras que representam os valores pelos quais elas serão lembradas e caracterizadas. A Polícia Militar de Minas Gerais teve nos seus quadros a figura de Juscelino Kubistchek que, como médico-cirurgião, atuou na Revolução Constitucionalista de 1932, nas ações das tropas mineiras na Serra da Mantiqueira, na Batalha do Túnel, na divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. Esta batalha teve aspectos decisivos para a combatividade das forças em conflito, em decorrência da intensidade e localização estratégica do terreno na qual foi travada e a atuação deste personagem é objeto de pesquisa neste trabalho, com o intuito de identificar a contribuição para o desempenho dos mineiros e o lugar ocupado por Juscelino na história desta corporação militar decorrente das ações no combate.

Palavras-chave: Revolução de 1932. Biografia. Batalha do Túnel.

Abstract: Institutions build their own history based on deeds and figures that represent the values by which they will be remembered and characterized. The Police of Minas Gerais had in its ranks the figure of Juscelino Kubistchek who, as a doctor-surgeon, acted in the Constitutional Revolution of 1932, in the actions of the Minas Gerais troops at Mantiqueira Hills, in the Battle of the Tunnel, on the border between the states of Minas Gerais and São Paulo. This battle had decisive aspects for the combativeness of the forces in conflict, due to the intensity and strategic location of the terrain in which it was fought and the performance of this character is the subject of research in this work, in order to identify the contribution to the performance of the troops from Minas Gerais and the place occupied by Juscelino in the history of this military corporation resulting from the actions in combat.

Keywords: 1932 Revolution. Biography. Battle of the Tunnel.

INTRODUÇÃO

O trabalho analisa a participação de Juscelino Kubistchek como médico-cirurgião das tropas mineiras durante a Batalha do Túnel, travada na Serra da Mantiqueira durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Esta pesquisa justificou-se pela necessidade de situar este personagem na História da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, instituição bicentenária que preserva valores decorrentes dos feitos dos seus componentes.

A Revolução Constitucionalista de 1932 foi descrita por meio de pesquisa histórica de fontes definidoras desse acontecimento nacional, iniciado pelos paulistas naquela década, que se rebelearam contra Getúlio Vargas, presidente do Brasil, discordantes em relação às diretrizes daquele governo.

Com isso, tropas da Força Pública Mineira, atualmente Polícia Militar, entraram em confronto com os revolucionários. O ápice desses enfrentamentos foram os embates na Serra da Mantiqueira, na Batalha do Túnel, localizado na divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo.

O estudo identificou as forças em conflito e trouxe uma descrição da importância estratégica da Serra da Mantiqueira para mineiros e paulistas. A busca dos objetivos específicos da pesquisa – descrição de intervenções cirúrgicas realizadas nas tropas mineiras, a contribuição dessas intervenções para a combatividade dessas tropas e a contextualização do lugar ocupado por essa



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

participação de Juscelino na memória da Polícia Militar de Minas Gerais - foi realizada através da identificação da figura de Kubistchek como oficial médico da Força Pública Mineira.

As fontes de pesquisas foram bibliográficas, através de obras autorais e fontes oficiais da instituição, e a produção contribui para o conhecimento de uma página da história da Polícia Militar de Minas Gerais através da descrição de um Juscelino inserido nas fileiras da corporação, diretamente envolvido em um conflito bélico, e objetiva também contribuir para definições biográficas e políticas deste personagem nacional.

A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

A direção dos destinos da política nacional até a década de 1930 era revezada entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, conhecida como República do Café com Leite, em decorrência dos principais produtos produzidos por estes estados. A Crise de 1929 trouxe preocupação aos cafeicultores paulistas, gerada pela diminuição da demanda pelo produto produzido por aquele estado.

Os políticos e produtores paulistas compreenderam que a superação daquele momento econômico passaria pela manutenção da direção nacional nas mãos de um dirigente de São Paulo e indicaram para a sucessão de Washington Luís, ao invés do mineiro Antônio Carlos, o paulista Júlio Prestes. Esta quebra da alternância levou os mineiros a se juntarem aos gaúchos, através da Aliança Liberal, que indicou à sucessão presidencial o líder ascendente gaúcho Getúlio Vargas, com um vice paraibano, João Pessoa (Donato, 2002).

Segundo Fausto (2010), a plataforma da Aliança trazia aspectos considerados progressistas à época como representação popular através do voto secreto, a justiça eleitoral, a independência do Poder Judiciário, reformas administrativas, liberdade de pensamento, liberdade de imprensa e combateu a valorização excessiva do café paulista no mercado, em detrimento a outros produtos, além da defesa de pautas sociais, como a regulamentação de direitos trabalhistas.

O sufrágio apresentou Júlio Prestes como vencedor daquele pleito e contestações acerca da legitimidade dos resultados surgiram por parte da Aliança Liberal. Apoiados em uma ala militar, desde 1929, havia a consideração de um movimento armado, caso houvesse uma derrota nas urnas, que foi potencializado pelo assassinato do vice, em Recife. Conforme Donato (2002):

A 3 de outubro, às 17h30min, com precisão profissional, o levante. Em Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Paraíba (João Pessoa), capitais dos Estados líderes da Aliança Liberal. Por toda parte o povo aderiu e festejou, saudando o que lhe era anunciado como novo tempo, certeza de melhores costumes eleitorais e administrativos [...] (Donato, 2002, p. 17).

O líder do movimento, Getúlio Vargas, instalado através do Governo Provisório, mediante Decreto, dissolveu o Congresso Nacional, Assembléias estaduais e municipais, num rompante centralizador (Brasil, 1930). Com isso, caracteriza-se o rompimento do modelo de representação política nacional por Vargas como forma de legitimar as mudanças que seriam propostas pelo novo governo.

As reações à mudança do modelo de representação e às imposições do decreto do governo nacional foram imediatas, com destaque para São Paulo, alijado desde 1930. Segundo Donato (2002), este era o cenário que antecedeu a crise:



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

1931. Janeiro. São Paulo, cidade e Estado, não tem satisfações para exibir. Econômica, política, socialmente, padecem crise severíssima. Milhares de funcionários públicos foram apeados dos seus empregos [...].

Nos armazéns amontoavam-se trinta milhões de sacas de café. Em Santos e cidades interioranas, milhões de sacas são queimadas como recurso extremo para evitar que o preço continue baixando. Na capital e nos centros com alguma indústria, cresce o número de desempregados. (Donato, 2002, p. 23-24).

Capelato (1981, p. 51) define que a “Revolução de 30, feita em nome do Brasil, era contra São Paulo; 32 será a Revolução de São Paulo contra o Brasil. Essa imagem, fabricada pelos articuladores do Movimento, foi amplamente divulgada”, em um posicionamento no qual foram colocados os paulistas contra os aliados civis e militares do governo central. A nomeação de um interventor paulista, Pedro de Toledo, descreve Bojunga (2001), foi infeliz, aliada à tentativa de Osvaldo Aranha de legitimar essa ação do governo central e o acirramento da crise foi potencializado pela morte de quatro jovens estudantes – Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo – durante confronto entre paulistas e tropas federais.

O dia 9 de julho marcou o início do movimento que seria conhecido como Revolução Constitucionalista de 1932, mesmo com acenos de Vargas para algumas exigências dos paulistas. Observa-se o posicionamento isolado de São Paulo, em relação a outras Unidades da Federação, como descreve Nunes (2005):

Os revoltosos esperavam a adesão de outros Estados. Mas, após a eclosão do Movimento, Flores da Cunha, interventor do Rio Grande do Sul, decidiu apoiar Vargas. Olegário Maciel, interventor de Minas, aceitou negociar com o poder central e interventores de outros Estados se colocaram ao lado do governo federal, oferecendo tropas para lutar contra o movimento (Nunes, 2005, p. 10).

As exigências dos paulistas em relação ao governo central eram a convocação de uma nova Constituição, novas eleições e a restituição da autonomia dos Estados, tanto política quanto economicamente.

Segundo Fonseca (2009, p. 37):

a reconstitucionalização do país e a restituição da autonomia dos estados eram as causas que envolveram os paulistas, pois se relacionavam diretamente a suas esperanças e destinos. lutava-se pela liberdade de São Paulo, acreditando que o estado fora invadido pela ditadura [...]. os paulistas, desagrados com a política dos interventores, consideravam que o estado estava sendo assaltado pelo “invasor forasteiro”.

A primeira ação dos paulistas, conforme Donato (2002), consistiu da ocupação do Telégrafo Nacional e dos Correios, na capital, por um pelotão da Força Pública daquele Estado, e da Central Telefônica por civis voluntários. Consequentemente, os paulistas mantiveram sob controle estradas de ferro, entroncamentos ferroviários, estações de rádio, a Guarda Civil Paulista e a Força Pública.

A submissão do Quartel General da Segunda Região Militar seria o ápice do início das ações na capital paulista, seguido pela tomada do Quarto Regimento de Infantaria, em Quitaúna, importante instalação do Exército em São Paulo. Com a definição dos apoios de outros Estados como Minas Gerais e Rio Grande do Sul à causa do governo central, São Paulo contaria com o apoio de Mato Grosso, mas enfrentaria a luta de fato com os contingentes que conseguiu mobilizar no próprio Estado.

O caráter nacional do movimento, segundo os paulistas, exigia a ampliação do domínio de outras unidades da federação e o desenrolar do conflito trouxe a definição da estratégia de divisão das locais de combate em frentes. Rodrigues (2009) descreve estas frentes:

A Frente Vale do Paraíba (sub-setores do Vale, do Litoral e do sul de Minas), onde o exército governamental, sob comando do general Góes Monteiro, realizou seu maior esforço; a Frente Mineira (estendida ao Rio Paraná, dividia-se nos setores de Ribeirão Preto, Guaxupé, Ouro Fino, Passa Quatro e Cruzeiro), drasticamente carente de meios e efetivos por parte dos paulistas; a Frente de Mato Grosso, alvo de disputas também pelo contato com o exterior e a possibilidade de transações de armamentos; a Frente Sul ou do Paraná, que assistiu a duríssimas batalhas e ao avanço sonante do destacamento governamental e a Frente do Litoral, almejando o predomínio sobre a costa e a região portuária de Santos (Rodrigues, 2009, p. 113).

Na Frente do Vale do Paraíba, estava inserida a Serra da Mantiqueira, na divisa entre Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

OS COMBATES NA MANTIQUEIRA

A Serra da Mantiqueira divide os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro e caracteriza-se como um marco natural na região do Vale do Paraíba. Segundo Cotta (2006, p. 110), a serra “[...] constitui-se um baluarte por sua posição estratégica, principalmente no que diz respeito à malha da Estrada de Ferro Sul de Minas”. Inserida na frente de combate daquele vale, na qual as tropas paulistas ocuparam cidades importantes como Cruzeiro, com a intenção de deter oponentes que rumavam desde o Rio de Janeiro e Minas Gerais, além de avançar em caso de sucesso nas operações militares, conforme figura 1.

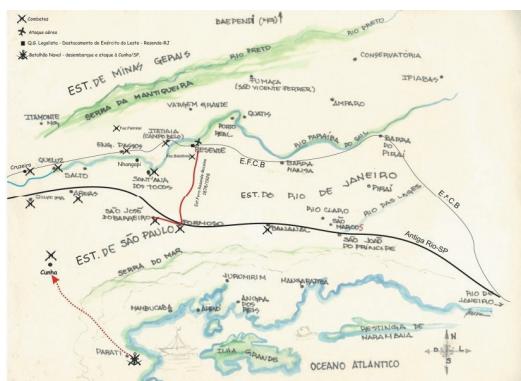


Fig. 1 - Frente do Vale do Paraíba

Fonte: Soares, 2010, p. 11.



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

O deslocamento dos paulistas para a região foi realizado já no dia 09 de julho, com chegada no dia 10, cientes da importância estratégica daquela localidade. Após serem distribuídas na região, parte destas tropas rumaram para a divisa com Minas Gerais.

Conforme Bojunga (2001, p. 98):

No dia 10 de julho, soldados da Força Pública de São Paulo ocuparam a estação do Túnel da Mantiqueira, a uns nove quilômetros de Passa Quatro, cavaram trincheiras e plantaram ninhos de metralhadoras. Os paulistas consideravam aquela área de alto valor estratégico para o controle do vale do Paraíba.

Assim, a Secretaria do Interior de Minas Gerais definiu o contexto do início das hostilidades:

Na noite de 09 para 10 de julho, sublevou-se parte das forças do Exército aquarteladas em São Paulo, sob o comando do coronel Euclides Figueiredo. O movimento ficou circunscrito ao foco em que se manifestara, achando-se em calma a capital da República e o resto do país, cujas guarnições federais se conservaram fiéis à Ditadura.

[...] Em Minas, a situação é de inteira tranquilidade e o Governo dispõe de todos os elementos para assegurar a ordem e manter o funcionamento normal das atividades públicas e particulares. Foram tomadas pelo presidente Olegário Maciel as medidas preventivas que se fazem mister. Em todos os municípios do Estado suas ordens foram cumpridas e de todos eles já lhe vieram demonstração de solidariedade.

Belo Horizonte, 11 de julho de 1932 (Minas Gerais, 1932).

A distribuição de forças colocaria tropas estaduais e federais em conflito na região.

AS FORÇAS EM CONFLITO

A Frente do Vale do Paraíba confrontou contingente de paulistas contra os mineiros na região. Estes foram organizados, segundo Cotta (2006), na Primeira Brigada, responsável pelo Túnel da Mantiqueira e comandada pelo coronel Edmundo Lery Santos. A Segunda Brigada, localizada em Poços de Caldas, sob comando do coronel Otávio Campos do Amaral, e a Terceira Brigada, responsável pelo Triângulo Mineiro, comandada pelo coronel Antônio Fonseca, não entrariam em combate contra os paulistas na região.

Marco Filho (2005, p. 117) descreve que “A missão mais difícil cabia ao Destacamento Leste, sob o comando do Cel Lery, devido à estratégia da sua posição, que se localizava entre os maiores entroncamentos ferroviários do País, e as fronteiras entre o Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.” A relevância da malha ferroviária na região é corroborada pelo meio usado pelas tropas mineiras para deslocamento, descrito por Cotta (2006, p. 112)

Na década de 30, estava em pleno funcionamento a malha ferroviária que ligava diversas cidades mineiras. Partindo da cidade mineira de Passa Quatro (local em que foi instalado o Quartel General da Brigada Sul, da Força Pública de Minas) até a cidade paulista de Cruzeiro são exatamente 34 quilômetros e 600 metros de estrada de ferro [...]. Essa malha foi utilizada pela Força Pública de Minas para o transporte de seus homens.



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

A Primeira Brigada possuía um efetivo de 3000 homens, apoiada com armas como metralhadoras pesadas, fuzis ordinários, peças de artilharia e carros de assalto do Exército (Marco Filho, 2005), além do reforço de efetivo do 4º Regimento de Cavalaria e 2º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, também do Exército (Cotta, 2006).

Segundo Santos

Conforme publiquei, em boletim n. 1, de 14 de julho, foi, na mesma data, considerada organizada, em Lavras a Brigada Sul, constituída da seguintes unidades: 7º Batalhão ; 11º Batalhão; R. C. formado de 2 esquadrões e outras forças que seriam, oportunamente, incorporadas.

A ordem da organização em apreço foi a contida na carta, datada de 13 de julho de 1932, do Exmo. Sr. Dr. Gustavo Capanema, a qual foi transcrita no boletim n. 1, da Brigada Sul (Santos, 1933, p. 14).

O intuito inicial da Frente do Vale do Paraíba dos paulistas era a marcha até a cidade do Rio de Janeiro com tropas da 2ª Divisão de Infantaria, sob comando do coronel Euclides de Figueiredo, formada pelos 4º, 5º e 6º Regimentos de Infantaria, através da rodovia Rio-São Paulo, atualmente conhecida como Via Dutra, e da Estrada de Ferro Central do Brasil. No entanto, barrados neste avanço, permaneceram entricheirados na região de Lorena e formaram uma linha de resistência entre a cidade de Cruzeiro, em São Paulo, e Passa Quatro, em Minas Gerais, mais especificamente com o 5º Regimento (Araújo, 2016).

Observa-se, ao comparar o quantitativo de forças, um desequilíbrio em desfavor dos paulistas como reflexo do isolamento da causa revolucionária, que se viram praticamente isolados na luta contra as forças federais do governo de Getúlio Vargas, líder da Revolução de 1930 e presidente do Brasil.

O TÚNEL DA MANTIQUEIRA

A linha férrea situada na região de Passa Quatro, em Minas Gerais, ligava este estado a São Paulo, através de uma passagem na Serra da Mantiqueira, na qual se localizava um túnel, conforme figura 2. Segundo Araújo (2016), o túnel era estratégico tanto para mineiros quanto para paulistas e isso fez com que o coronel Euclides de Figueiredo ocupasse a cidade mineira, que gerou a reação contra as forças paulistas na região.



Fig. 2 – Soldados paulistas no Túnel

Fonte: Fundação Getúlio Vargas, 1982, p. 54.



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

A posição estratégica do túnel gerou combates acirrados entre mineiros e paulistas naquele setor da Frente do Vale do Paraíba. Como consequência, houve a necessidade de um serviço de socorro médico aos feridos e é neste contexto que Juscelino Kubistchek atuou como cirurgião das tropas mineiras empregadas na luta.

UM CIRURGIÃO NO FRONT

O ingresso de Juscelino na Medicina deu-se no ano de 1922, na cidade de Belo Horizonte, através da Universidade Federal de Minas Gerais. O talento para o ofício de cirurgião foi notado. Segundo Bojunga (2001, p. 73)

Os colegas perceberam logo a vocação de Juscelino para cirurgião. Chegaram a fazer uma quadrinha, aproveitando o nome do grande violonista tcheco Jan Kubelík, o pai de Rafael Kubelík: "Dois nomes eu estou certo/Vão pôr este mundo em cheque/No violino Kubelík/No bisturi Kubistchek".

O bom desempenho no exercício da profissão fez com que Kubistchek logo adquirisse uma boa clientela em Belo Horizonte e isto possibilitou uma especialização em Paris, na qual foi aluno do doutor Maurice Chevassu, famoso urologista, além de estágios em Viena e em Berlim (Cohen, 2006).

A volta a Belo Horizonte deu-se no contexto do Governo Provisório de Getúlio Vargas, após a Revolução de 1930. Naquele momento, havia o intuito de melhoria da Polícia Militar do estado, à época Força Pública, através de ações do Secretário do Interior, Gustavo Capanema, decorrente da atuação dos militares estaduais em apoio ao movimento varguista de 1930. Destaca-se, nessas ações de Capanema, a reestruturação do Hospital da instituição.

Conforme Bojunga

Uma das providências de Capanema foi transformar o velho Hospital Militar em centro médico moderno, dotado de orçamento próprio e com uma equipe de médicos de renome. Embora o provimento dos cargos dependesse, em princípio de concurso, Capanema tinha em mente médicos de notória reputação que não se submeteriam a provas.

[...] Um pedido de dona Luísa Lemos, mãe de Sarah, a Gabriel Passos, seu outro genro, incluiu Juscelino na lista dos nomeados. O marido de Sarah foi encarregado de organizar o Serviço de Laboratórios e Pesquisas, nos moldes do que vira na Europa, assumindo em seguida a chefia do Serviço de Urologia, no posto de capitão-médico (Bojunga, 2001, p. 90-91).

O início de Juscelino na Força Pública Mineira foi decorrente, portanto, da atuação destacada como médico em Belo Horizonte e as capacidades seriam colocadas à prova durante os embates na Mantiqueira, ao lado dos combatentes mineiros que lutavam pelo controle do estratégico túnel.



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

JUSCELINO NO SETOR DO TÚNEL

A necessidade da criação de uma subseção do Serviço de Saúde na região do Túnel foi decorrente, conforme descrição do responsável, major chefe, Dr J. Santa Cecília, da rude e intensa luta travada naquele local, que gerou atropelo e desorganização iniciais na assistência aos feridos (Santos, 1933).

Neste cenário, com o acirramento das hostilidades, Juscelino partiu para a região do Túnel da Mantiqueira. Segundo Bojunga (2001, p. 98):

No dia 16 de julho, Juscelino recebeu um telefonema anunciando que ele deveria embarcar às quatro da manhã na Estação do Horto, com o 1º Batalhão, sob o comando do tenente-coronel Francisco de Campos Brandão. Tinha seis meses de casado. A ração no três dias de viagem era à base da carne seca, que provoca uma sede insuportável. Quando chegaram a Passa Quatro, no dia 18, a cidade já havia sido retomada pelo coronel Eurico Gaspar Dutra, mas a situação ainda era incerta.

A estrutura do Serviço de Saúde daquele setor era composta por um Trem Hospital com raios x e Farmácia, Hospitais de Evacuação, transporte de doentes e Hospitais de Retaguarda (Santos, 1933). Ao chegar, recebeu como primeira missão do comandante, tenente-coronel Brandão, a instalação de um hospital do sangue, na Casa de Caridade, em Passa Quatro, que permitiu a organização de uma sala de operações.

Heliodoro (2005) descreve uma das atuações de Juscelino, mesmo sob condições adversas, no hospital de sangue:

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, o capitão-médico Dr. Juscelino Kubitschek tornou-se famoso por haver operado um sargento que, gravemente ferido, foi deixado ao abandono pelos médicos, em virtude da absoluta falta de recursos no Hospital de Sangue da Polícia Militar de Minas Gerais, no front da Mantiqueira, no início das operações bélicas naquela região, na cidade de Passa Quatro.

Juscelino entretanto, prontificou-se em atendê-lo, mesmo sem recursos, para não deixar o homem morrer sem assistência.

Acontece que o tal sargento, que já era considerado morto, ficou bom e em pouco tempo já estava andando (Heliodoro, 2005, p. 75).

A precariedade deste hospital reforça o desempenho de Juscelino no socorro aos feridos, pois não havia anestesia - a necessidade foi suprida pela atuação de um veterinário orientado pelo capitão-médico – nem, tampouco, enfermaria, com o papel sendo desempenhado por uma freira, conforme figura 3, que atuara na assistência religiosa, na 1ª Guerra Mundial, ao lado dos franceses (Heliodoro, 2005).



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO



Fig. 3 – JK no Hospital de Sangue

Fonte: Mayrink, 1988, p. 21.

Ainda sobre a atuação no Hospital do Sangue, Arruda (2016) descreve que Juscelino realizou por volta de mil atendimentos, entre pessoas enfermas, feridas e convalescentes, sem se preocupar em que lado lutavam, numa sala improvisada para cirurgia, com a utilização de clorofórmio como anestésico e recursos escassos, sempre com dedicação e louvor.

Segundo Santos (2003), apesar da imprecisão de alguns dados acerca dos atendimentos neste hospital, esse detalhe é irrelevante em relação à grande soma de trabalho realizada pelos doutores Pinto de Moura e Juscelino Kubitschek, ao assistirem grande massa de feridos, num hospital de emergência, sem secretaria organizada.

As condições do Hospital de Sangue fizeram com que parte dos atendimentos fossem transferidos para o Trem Hospital, trazido de Belo Horizonte, e colocado mais próximo ao front, nos dias finais de julho, conforme figura 4. Contava, segundo relato do doutor J. Santa Cecília, major chefe do Serviço de Saúde daquele setor, com toda a aparelhagem sanitária, farmácia e raio x, além de uma equipe técnica competente (Santos, 2003).



Fig. 4 – JK nas proximidades do Trem Hospital

Fonte: Fundação Getúlio Vargas, 1982, p. 43.



A melhoria substancial dos atendimentos ocorreria de fato com a chegada deste Trem, em que dois vagões foram transformados em sala de cirurgia, nos quais Juscelino atendia até mais de quarenta feridos por dia, não perdia a calma, tratava a todos com impecável educação, inteligência e discrição e se tornou destaque do Serviço de Saúde (Marques, 2002).

A soma das operações no Trem Hospital chegou a cinquenta e quatro, com o registro de cinquenta e um feridos. Entre essas operações, foram realizadas sete laparotomias – cinco causadas por projéteis, uma por ferimento perfuro-cortante e uma por apêndicite – e, destas, quatro foram realizadas por Juscelino Kubistchek (Cotta, 2006).

A atuação foi destacada pelo tenente-coronel Magalhães Goés, então chefe do Serviço de Saúde da Força Pública Mineira. Segundo Santos (2012, p. 115)

Cirurgião do Hospital de Passa-Quatro – temperamento de slavo, calmo, modestíssimo, em extremo disciplinado, resistência de aço para, num só dia, socorrer mais de 40 feridos, sem se esfalfar, foi a grande revelação do Serviço de Saúde. Mostrou-se um ótimo cirurgião, um improvisador de meios para uma boa assistência aos grandes feridos de guerra, com impecável educação, inteligência e maneira discreta. O seu elogio pode ser resumido, transportando-se para aqui o pedido de oficiais do Exército que, ao partirem para a frente, solicitavam terem-no como cirurgião, no caso de ferimento em combate.

Em meados de setembro, a batalha era favorável às tropas mineiras e, em carta a Gabriel Pas-
sos, oficial de gabinete de Olegário Maciel, Juscelino exaltou a atuação em um confronto decisivo
contra os paulistas e classificou as ações dos soldados como heróicas, que tiveram como con-
sequência o recuo das tropas inimigas (Bojunga, 2001).

O recuo, entre os dias 12 e 13 de setembro, ocorreu através de intensa movimentação no lado
do túnel ocupado pelos paulistas que, na euforia da retirada, deixaram para trás diversos veícu-
los, armamentos e equipamentos. A rendição ocorreu, conforme Santos (2016), no dia 03 de ou-
tubro, na cidade de Cruzeiro, após mais uma tentativa de cessar-fogo proposta pelos revoltosos.

O fim das hostilidades fez com que a Brigada em que Juscelino servia rumasse para o Setor
Centro, em apoio à Brigada Amaral. Em decorrência, o capitão-médico foi responsável pela re-
moção de feridos de Passa Quatro para Guaxupé e Varginha e, posteriormente, dirigiu-se até a
cidade de Campinas, para o quartel-general do comandante Barcellos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quase dois meses de participação de Juscelino na Batalha do Túnel foram responsáveis por inseri-lo num ambiente diverso daquele em que atuava rotineiramente no Hospital da Força Pú-
blica, em Belo Horizonte, decorrente da hostilidade e precariedade presentes no cenário em que
foi obrigado a atender e operar.

A atuação é destacada justamente por ter sido realizada de maneira abnegada e eficiente, mes-
mo sem a existência completa de recursos necessários, comprovada por dados que demonstram
a quantidade de combatentes assistidos pelo médico mineiro, durante o tempo em que perma-
neceu na região do conflito, considerado como a grande novidade naquela batalha, decorrente



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

da segurança e dos bons cuidados médicos, nas palavras de um dos biógrafos, Affonso Heliodoro.

Na História da Polícia Militar de Minas Gerais, à época dos acontecimentos conhecida como Força Pública, a referência de Juscelino como membro dessa Corporação parece sempre remontar à participação na Revolução Constitucionalista de 1932, em obras publicadas pela instituição, como a produzida pelos alunos do Curso de Formação de Soldados, ligadas a ela ou de autores independentes, nas quais há destaque para a contribuição à combatividade das tropas mineiras empregadas no front.

A trajetória de Juscelino na Mantiqueira rendeu a ele a alcunha de bisturi de ouro pela instituição, além da nomeação do Hospital da Polícia Militar como Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira. Apesar do cirurgião-médico ter alcançado o posto de coronel, mais um dos indícios da importância e reconhecimento, a atuação no Túnel foi seguida do início da trajetória política, em 1933, após a nomeação como chefe de gabinete de Benedito Valadares, interventor de Getúlio Vargas, nas Minas Gerais.

O artigo pode servir de referência, portanto, para estudos posteriores acerca da participação de Kubitschek como médico das tropas mineiras, além da possibilidade da relação entre esta atuação e o início da vida política, que resultaria no alcance da Presidência da República, na década de 1950.



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Gustavo de Freitas. 1932: quando São Paulo foi à luta. Disponível em: <https://www.ebrevistas.eb.mil.br/index.php/adj/article/download/1033/1045> Acesso em 3 de novembro de 2018.

ARRUDA, Lauro. *Juscelino Kubistchek (JK)*: o médico que virou Presidente da República. Disponível em: <https://www.hospitaldocoracao.com.br/wp-content/uploads/2016/01/juscelino-kubistchek.pdf> Acesso em 03 de fevereiro de 2019.

BOJUNGA, Cláudio. *O artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRASIL. Decreto nº. 13398, de 11 de novembro de 1930. *Institue o Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, e dá outras providências*. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 1930.

CAPELATO, Maria Helena. *O Movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COHEN, Marleine. *JK*. São Paulo: Globo, 2006.

COTTA, Francis Albert. *Breve história da Polícia Militar de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

DONATO, Hernâni. *História da Revolução de 32*. São Paulo: IBRASA, 2002.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. 16 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

FONSECA, Sherloma Starlet. *Memórias de um constitucionalista: Paulo Duarte e a Guerra Civil de 1932*. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Revolução de 32: a fotografia e a política*. Rio de Janeiro, 1982.

HELIODORO, Afonso. *JK: exemplo e desafio*. 2 ed., rev. e aumentada. Brasília: Thesaurus, 2005.

MARCO FILHO, Luiz de. *História Militar da PMMG*. 7. ed. Belo Horizonte: Centro de Pesquisa e Pós-graduação – PMMG, 2005.

MARQUES, Rita de Cássia. JK, de médico a político. In: MARQUES, Rita de Cássia. *JK: o estadista da modernidade, 1902-2002*. Belo Horizonte: CEMIG, 2002.



BELLUM

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO

MAYRINK, Geraldo. *Os grandes líderes: Juscelino*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MINAS GERAIS. Secretaria do Interior. *Boletim n. 1*. Belo Horizonte, 1932.

NUNES, Vanessa. *Revolução Constitucionalista de 1932: articulações de um movimento*. 2005. 27 f. Artigo (Pós-graduação em História: sociedade e cultura brasileira) – Universidade Paranaense, Cascavel, 2005.

POLICIAIS militares protagonistas da História. *O lutador*, Belo Horizonte, 2016.

RODRIGUES, João Paulo. *O levante “constitucionalista” de 1932 e a força da tradição: do confronto bélico à batalha pela memória (1932 – 1943)*. 2009. 349 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

SANTOS, Edmundo Lery. *Movimento de 9 de julho de 1932*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1933.

SOARES, Júlio César Fidelis. *Calibre 32: Resende em armas*. Disponível em: <<https://www.ecsb-defesa.com.br/defesa/fts/CALIBRE32.pdf>> Acesso em: 2 de novembro de 2018.



Jamicel Francisco Rocha da Silva é capitão da Polícia Militar de Minas Gerais, bacharel em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Social pela Academia de Polícia Militar de Minas Gerais; pós-graduado em História Militar pela UNISUL; pós-graduando MBA em Diplomacia e Relações Internacionais pela UNINTER e mestrando em Ciências Policiais e Tecnologias Inovadoras pela Academia de Polícia Militar de Minas Gerais/UMIMONTES.